

A festa: entre sedentários e nômades

*Airton Negrine¹
Melissa Baccon²
Susana Gastal³*

Resumo: Trata-se de um artigo caracterizado como ensaio, que focaliza as variáveis que podem ser consideradas quando o tema é Festa. A Festa como espaço, lugar, tempo. A Festa, sobretudo como espaço nômade, a partir de um enfoque atualizado do nomadismo contrastado com a perspectiva dos primórdios desta característica humana. As festas comunitárias, em geral temáticas, são aqui tratadas como *festas populares*, uma vez que as pesquisas realizadas pelos autores focalizam as que ocorrem em espaços abertos, franqueadas ao público em geral. O texto trata da Festa como atrativo de turistas e visitantes, que costumam freqüentá-la para desfrutar da celebração e da expressão da cultura local. Trata-se também das concepções nômades na cultura contemporânea, apontando para um olhar do nomadismo como elemento de estudo e de reflexão nos contextos festivos.

Palavras-chave: Turismo. Turismo de Eventos. Festa. Nomadismo.

Preliminares

Pensar sobre o nomadismo associado à Festa, quando o foco de análise recai sobre a comunidade onde se realiza o evento e, mais, quando este se apresenta como atrativo turístico, requer em primeira mão, localizar o Turismo como área de conhecimento. É sabido que o Turismo está inserido nas Ciências Sociais, uma vez que estuda grupos humanos que, motivados por diversas razões, deslocam-se de um lugar a outro, como define Beni (2004). Para esse autor e para Gazoni (2004), o Turismo deve ser compreendido como uma prática social e de lazer, que envolve o deslocamento provisório de pessoas entre diferentes localidades, com motivações e intenções as mais diversas. Na condição de fenômeno social, a atividade está sujeita aos movimentos sociais, econômicos e culturais, levando a que as

¹ Universidade de Caxias do Sul. E-mail: negrine@portoweb.com.br

² Mestre. Universidade de Caxias do Sul. E-mail: melbaccon@hotmail.com.

³ Universidade de Caxias do Sul. E-mail: sgastal@terra.com.br .

sucessivas mudanças na forma de produção ou mesmo as diferentes crises mundiais, tenham grande impacto sobre a atividade.

A economia mundial vem se caracterizando pelo avanço de um sistema capitalista marcado pela automatização quase completa dos sistemas fabris, o que significa a drástica redução da mão-de-obra ocupada. Na esteira deste e de outros processos da globalização, o Turismo reaparece como opção para geração de emprego e de renda, sendo apresentado como alternativa econômica significativa para municípios, regiões e países que o promovam. Dito de outra forma, o Turismo é visto como uma prática social capaz de provocar fortes repercussões positivas – menosprezam-se as negativas –, em diferentes setores, inclusive nos impactos significativos sobre os ambientes naturais e culturais onde ocorre. Essa situação tem levado diversas localidades a promover festas temáticas, num contexto de lazer, de culto às tradições locais e, não menos, como evento para atrair fluxos de visitantes.

Contextos e impactos à parte são visíveis as imbricações entre Turismo e Lazer, havendo inclusive polêmicas teóricas quanto ao segundo abarcar o primeiro ou vice-versa. No contexto deste artigo, o Turismo é apresentado como uma das alternativas de Lazer, fazendo com que eventos dos mais variados, passeios com certas particularidades e as festas, em especial as temáticas, passem a ser pensadas como importante atrativo aos visitantes. As festas populares como indutoras de lazer podem ser analisadas pelo menos sob duas perspectivas, sem que uma anule a outra, pelo contrário, se complementem. Por um lado, elas se constituem num atrativo de lazer importante para a comunidade local e do entorno; por outro, quando se consolidam passam a atrair turistas, trazendo ganhos consideráveis à comunidade que a promove.

Enquanto a comunidade local tem na Festa uma alternativa de lazer e/ou de promoção da cultura local, o visitante é atraído ao evento, se deslocando de seu lugar de origem para apreciar e desfrutar da celebração. Sob este olhar, os focos deste artigo são discutir Festa como evento sob o olhar dos residentes do lugar onde ele ocorre, e também vê-lo sob o prisma do visitante/turista que se desloca de seu lugar de origem. A movimentação do visitante é analisada desde a perspectiva de nomadismo, já que esta é uma característica humana desde os primórdios da civilização.

Outra categoria de análise que emerge quando se trata da teorização sobre a Festa, é o *espaço*, no qual duas outras variáveis afloram e devem ser consideradas no aprofundamento da questão. Por um lado, o espaço ou espaços onde a Festa ocorre. Se *aberto* com franquia de

acesso as pessoas, se *fechado*, com acesso restrito mediante pagamento de bilhete de ingresso. Essas variáveis costumam determinar o perfil e conteúdo do evento, mesmo que possa haver Festas em espaços abertos onde se cobra bilhete de ingresso, como também, há festas em espaços fechados com entrada franca. No contexto cultural⁴ do qual os autores do artigo lançam o olhar sob essa questão, as festas que ocorrem em espaços abertos são franqueadas ao público em geral, e as que ocorrem em espaços fechados, há cobrança de ingresso. Quando o foco da discussão é o *espaço* da Festa, também é relevante considerar a apropriação da comunidade – tanto na preparação que antecipa o evento, quanto ao seu uso no decorrer do evento. O espaço se transforma em *lugar* que, mesmo após o término da Festa, jamais voltará a ser o mesmo.

A preparação do lugar para a Festa é uma forma de anúncio à comunidade residente. É evidente que os preparativos da Festa de uma forma ou outra, afetam o cotidiano do local e dos sujeitos residentes do entorno. As pessoas que residem nas adjacências queiram ou não, passam a fazer parte do *cenário da festa* no período festivo. Aqui surge mais uma nova variável – *participação da comunidade na preparação da festa*. A participação efetiva das representações constituídas da comunidade e de pessoas voluntárias no processo preparatório ou ainda, observadores distanciado, são questões que devem merecer um olhar diferenciado dos estudiosos do tema.

Outra questão não menos importante diz respeito ao montar e ao desmontar do *cenário da festa*, uma vez que ela é sempre *transitória*, tanto em termos temporais como espaciais. Terminada a Festa, o *cenário* é desfeito, mas o *lugar* não voltará a ser o que era, pois, após a festa, se desfaz o cenário, mas o *lugar* passa ter um significado simbólico, no sentido de emblemático para a cidade e a comunidade. Ele se reinsere sem perder, a partir de então, uma aura que o transforma em um novo *lugar*, ressignificado em história – agora ele será *histórico* – e terá valor simbólico decorrente da celebração. A transitoriedade da Festa e a historização remetem a outra variável de estudo – o *tempo*. Enquanto Festa celebrada, em especial, fica associada diretamente a celebração da cultura local, que ocorre num determinado tempo e por certo tempo. Uma vez realizada se transforma num tempo passado, que passa a fazer parte da história do lugar.

As reflexões preliminares têm como objetivo colocar de manifesto as múltiplas variáveis que se podem explorar quando o tema é Festa. O presente escrito caracteriza-se

⁴ Refere-se às festas tradicionais que ocorrem no Estado do Rio Grande do Sul/Brasil.

como *ensaio*, uma vez que os autores tomam a Festa como questão de pesquisa, não para focalizá-la somente a partir das discussões teóricas existentes sobre o tema, mas, sobretudo, para contrastar os enfoques teóricos com o empirismo da experiência pessoal.

A Festa é analisada como celebração, divertimento. Por outro lado, *sujeito*, *espaço* e *tempo* são variáveis com relativa imbricação, onde com especial atenção o sujeito visitante – o turista –, é considerado como aquele que se desloca, realiza uma atividade nômade no sentido de busca do lugar, seja qual forem suas intenções. A questão do nomadismo e da transitoriedade, resignificando a Festa, é focada como um *espaço de nomadismo*. Logo, é prudente inferir, que o espaço onde ocorre uma Festa tem relações estreitas com a atitude nômade dos seres humanos, enquanto fenômeno caracterizado pela transitoriedade e mobilidade social.

A festa

A Festa é inerente a condição humana. Ela estaria presente desde os momentos mais remotos da civilização, primeiro associada à religião, na saudação à divindade. Ficaram famosas as *bacanaís*, nas quais Baco, deus do vinho, era cultuado. Depois, a festa estará associada no mundo pagão à colheita, à chegada da Primavera ou mesmo às cerimônias fúnebres. O mundo da religião judaico-cristã separa o religioso do profano, ficando a festa na esfera do segundo. Nesta condição, ela irá dominar diferentes esferas de vida, marcarão nascimentos, casamentos e outros ritos de passagem. Permeará a sociedade como um todo, independente de classe social ou de condição econômica. Em decorrência, irá envolver não apenas seus promotores – famílias, clãs, empresas, comunidades... – mas significará momentos de estar com o outro, de receber o outro como parente, amigo, conviva e, em tempos mais recentes, incluindo o visitante e o turista⁵.

Festa e Turismo estão associados no Rio Grande do Sul desde 1931, quando foi realizada a primeira Festa da Uva em Caxias do Sul. As comunidades italianas e alemãs, parte dos principais fluxos de migrantes vindos para o sul do Brasil no contexto das políticas demográficas do século XIX, sempre valorizaram a festa como momento de estar com os

⁵ A expressão **visitante**, aqui, refere às pessoas que residem em municípios vizinhos ao da festa e que se deslocam para apreciá-la; **turista** faz referência às pessoas que viajam a determinado lugar com a intenção deliberada de participar de determinada festa ou se de passagem pelo lugar, aproveitam para participar da mesma.

demais e fugir de rotinas de trabalho, não raro, muito duras. A partir da década de 1970, com a criação do Sistema Estadual de Turismo, houve políticas públicas de incentivo à realização de festas temáticas nos municípios do Estado, ainda carentes de maior estrutura instalada, para fluxos de turismo plenos e constantes. A festa temática, que passou a ser fartamente praticada, permitia que a partir da instalação de estruturas provisórias de alimentação e de lazer relativamente simples, por alguns poucos dias a localidade vivenciasse a experiência das possibilidades representadas pelo Turismo. Atualmente, a Festa, cultivada nas mais variadas comunidades, está plenamente inserida como atrativo relevante no universo turístico regional. Se, por um lado, permite que o turista desfrute das celebrações e comemorações em determinadas comunidades, por outro, proporciona benefícios à população local, ao gerar novos ativos econômicos, diversão e promoção da cultura lúdica tão salutar à qualidade de vida das pessoas que dela participam.

Toda e qualquer festa ocorre em determinado espaço e tempo, e envolve a participação de pessoas da comunidade local, visitantes e turistas. Sua duração pode ser de um ou mais dias, ou até se repetir por semanas como, por exemplo, a tradicional Festa da Colônia de Gramado/RS⁶, que em 2008 realizou sua vigésima oitava edição, durante três semanas. Mas são muitas as peculiaridades das festas com tradição, e a duração do evento costuma estar relacionado aos interesses de seus promotores e patrocinadores. Mas, mesmo em durações ampliadas, não se descaracteriza a sua condição de transitoriedade e de recorte nas rotinas, tanto de visitantes como de visitados.

As festas populares são boas alternativas de aproveitamento do tempo livre e das horas de lazer e costumam atrair turistas e fomentar o deslocamento de pessoas. Podem caracterizar-se, também, como uma forma de manifestação da cultura local, pois, na medida em que uma festa vai se repetindo no tempo, ao longo dos anos, acaba se agregando ao imaginário da população, o que reforçaria o seu caráter coletivo e tradicional. A expressão *festa popular*, de acordo com Negrine e Bradacz (2006), é um binômio com significados próprios, sendo entendido como ‘aprovação do povo’, uma vez que tais festas costumam manifestar parte da história e da cultura local. O turista que participa de uma *festa popular* não somente a prestigia, como também acaba por interagir com a cultura local, com os significados e símbolos presentes nas diferentes manifestações culturais, em especial as

⁶ Recomenda-se a leitura do livro de Airton Negrine e Luciane Bradacz, **Cultura, Lazer e Turismo: A festa da colônia de Gramado/RS, 1985-2006** (Caxias do Sul: Educs, 2006).

artísticas e as gastronômicas. As manifestações de determinada cultura podem ainda ocorrer na festa por meio das vestimentas das pessoas, dos produtos oferecidos ou dos inúmeros desdobramentos que podem ocorrer. Em síntese, as festas apresentam um envoltório ideológico e simbólico das sociedades que as criam, quando procuram apresentar crenças, valores, costumes, conhecimentos e outros tantos aspectos característicos de determinada cultura. A manifestação de determinada cultura, por meio de suas festas, possibilita entender como a própria identidade da sociedade que a celebra, se constitui (NEGRINE e BRADACZ, 2006).

Logo, é por meio da Festa que novas experiências, expectativas e representações sociais são vivenciadas. A festa é uma forma de expressão da linguagem local, bem como uma ação coletiva, como propõe Amaral (2001), quando afirma que além de ser uma linguagem capaz de expressar simultaneamente múltiplos planos simbólicos é, ainda, uma mediação capaz de tornar compreensível a vida cotidiana mesmo em países ou regiões em que fortes contradições estejam presentes. Essa autora sustenta ainda que a festa deve ser entendida até mesmo como um modo de ação coletiva, que pode responder à necessidade de superação das dificuldades dos grupos e das regiões onde se inserem e, mais ainda, se bem gerenciadas, têm se revelado um grande e lucrativo negócio, incentivando o crescimento e a reprodução destes eventos. As festas proporcionam diversas relações dentro de uma comunidade, formando um elo entre o passado e o presente, promovendo uma forma de inclusão entre as pessoas de diversas faixas etárias, classes sociais e etnias pertencentes à comunidade onde se realiza.

As festas são, portanto, parte do patrimônio cultural de uma comunidade, como destaca Santos (2001). No olhar dessa autora, o patrimônio cultural de uma comunidade não está representado apenas pelos bens materiais. Tudo o que tem valor significativo, que é susceptível de ser adquirido por uma geração e transmitido às demais, forma o conjunto de bens culturais que deve ser preservado, por representar referenciais importantes para a coletividade. Santos ainda afirma que, quanto mais tradicional for a comunidade onde se realiza a festa, maior será a valorização de seu patrimônio cultural, sobretudo ao olhar dos turistas. Em síntese, sob esse enfoque a festa é uma forma de olhar o patrimônio de uma comunidade ou de garantir um novo conceito para patrimônio local, que possibilita o crescimento da auto-estima das pessoas, e confiança em seus valores tradicionais (MELÉNDEZ, 2001). Referindo-se às festas tradicionais, Meléndez afirma que elas se

constituem na interpretação da estrutura da comunidade e de suas expressões de identidade, de modo que se deva ressaltar a importância da educação e do conhecimento para garantir a preservação do patrimônio cultural local. Outro enfoque sobre festa aparece nas reflexões de Crowhurst e Lennard, citados por Meléndez (2001). Dizem os autores que as festas são essenciais para a vida humana, pois elas contribuem para dar vitalidade ao cotidiano e também pelo caráter social que apresentam. Por esta razão, se tornariam indispensáveis para a saúde da comunidade. Parafraseando os autores, diríamos que isto as torna indispensáveis para as pessoas que vivem naquela comunidade e que desfrutam da festa.

Refletindo sobre os aportes de Meléndez surge uma indagação e uma provocação: É possível perceber alguém triste participando de uma festa? Você já fez observações seletivas numa festas para visualizar as expressões faciais das pessoas que dela participam? A Festa faz com que as pessoas se sintam desinibidas para falar, comer, cantar e rir. O ambiente de Festa proporciona que as pessoas se distanciem mentalmente de ressentimentos, da segregação e das diferenças. A Festa com base na cultura local constitui parte da memória coletiva e a nova maneira de considerar o patrimônio local, sendo um recurso valioso para a recreação da comunidade local e dos visitantes.

Ribeiro (2002) estudou a Festa da Uva de Caxias do Sul – como já colocado, uma festa realizada no Rio Grande do Sul desde 1931 - e trouxe contribuições significativas ao tema. Diz a autora que se festeja para *mostrar o que somos e o que fazemos* até porque *somos o que fazemos*. Ressalta que as transformações e mudanças que *nós operamos* no modo de fazê-las, na forma de organizá-las, são o que *nós somos*. O ambiente construído é, também, revelador da dinâmica das interações entre a natureza transformada e a sociedade que a transformou. Isto é, esse ambiente *somos nós*. Ribeiro (2002) também é de opinião que a promoção das festas traz inúmeros benefícios à comunidade local e aos turistas. Para ela, as festas apresentam sempre uma relação marcada com o tempo. O tempo *festivo* ou tempo *cerimonial*, como oposição ao tempo de trabalho. É um tempo de ruptura, que possui uma diferença de *conteúdo* em relação àquele. Sustenta Ribeiro que reconhecer o tempo festivo como outro tempo é percebido por uma diferença de atitude: o trabalho é um tempo e uma atividade sérios, a festa é um tempo e uma atividade alegres. Só se distingue o tempo festivo do tempo medido e anunciado pelos relógios, por um artifício de exposição. Em outras palavras: *o tempo de festa*, ao menos na nossa sociedade, não é *isolável* do tempo do relógio, a não ser como operação mental.

As reflexões de Ribeiro reacendem o pensar sobre a irreversibilidade do tempo. Significa que ele não pára, é um *continuum*, e nele ocorre o *tempo de festa*, onde uns desfrutam mais, outros nem tanto, mas todos se encontram num espaço de tempo que tem como característica a descontração, o divertimento, a ocupação do tempo livre, as relações intra e interpessoais, a promoção da cultura e o lúdico como elemento de ensino e aprendizagens. Idéias essas reforçadas quando Ribeiro diz que o tempo, o espaço, os sujeitos e a natureza são, na festa, mostrados, num autêntico processo de ensino-aprendizagem, em suas dimensões mais cheias de significado.

Do ponto de vista antropológico, as festas populares possuem valores culturais e lúdicos substantivos no processo de socialização dos sujeitos envolvidos, uma que contribuem de forma significativa na promoção e no estreitamento das relações interpessoais em situações informais, dando significados especiais às relações humanas. Processo de socialização aqui abordado deve ser entendido como processo em marcha, assim como ocorre com os processos de desenvolvimento e de aprendizagem. Significa compreender que o ser humano se socializa a partir do momento em que passa interagir com os outros. Esses processos sempre se renovam, não são processos acabados com limites determinados. São processos que requerem retro-alimentação permanente. Em síntese, muito além dos aspectos culturais e lúdicos, as festas também possibilitam importante papel social, quando contribuem para a projeção de valores étnicos, elevam a auto-estima das pessoas da comunidade, são produtoras de cultura e reafirmam os costumes das comunidades onde se realizam.

O Nomadismo

O termo *nomadismo* derivaria do sistema de vida dos nômades, na origem da cultura humana, seus significados oscilando de acordo com o sentido dado ao termo. Nômade indica tanto o masculino como o feminino, podendo ainda qualificar tribos, etnias ou grupos que não tenham residência fixa e vagueiam errantes. Pode referir-se, na sua forma pejorativa, ao vagabundo urbano, aquele que não tem morada fixa, ou ainda aos povos pastores no seu deambular com os animais. Mais recentemente, sob o processo de globalização, o nomadismo tem sido apresentado como o fenômeno contemporâneo por excelência, não apenas pelas conhecidas questões econômicas e políticas que facilitam e até incentivam os deslocamentos, mas também pelas facilidades dos transportes. Além dos deslocamentos por razões

profissionais ou por lazer, há os deslocamentos ocasionados por litígios, gerando refugiados; por razões políticas, levando aos exilados; por questões religiosas, criando os peregrinos. Entre as razões econômica estariam à pobreza de determinadas regiões, as alterações no mercado profissional, levando a migração de trabalhadores e, sobretudo, o avanço que a atividade turística vem ganhando nos tempos atuais, popularizando as viagens mesmo entre as classes econômicas menos favorecidas.

Para estes sujeitos em viagens, voluntárias ou não, a vida deixaria de estar atrelada à lógica dos lugares e passaria ser regido por novos paradigmas, entre eles, em muitos casos, o de desconsiderar o retorno. Ou seja, a vida passaria a ser o que acontece no território, ao longo do deslocamento, e não o que se dará quando a viagem finalmente terminar (GASTAL, 2005).

O nomadismo, que Maffesoli (2001) trata também como errância, estaria presente como marca cultural contemporânea, ressaltando uma sociedade em movimento. O teórico lembra que a idéia de que se está a caminhar, estaria presente nas expressões como *like a rolling stone*, por exemplo, significando o estar a *rolar* pelo mundo, ou seja, estar em nomadismo. Este movimento levaria, ainda, a uma maior aproximação entre pessoas e culturas, permeadas por convergência e atritos, em que se constituiriam novas identidades e *terceiras culturas* (FEATHERSTONE, 1997; HALL, 1999), entendida como aquelas das quais se exigiria uma crescente familiaridade com o *outro*, seja através da relação frente a frente ou através de imagens e/ou representações da visão de mundo e da ideologia do diferente de mim.

Se o nômade dos primórdios da História possuía muitos poucos pertences e deitava fora, regularmente, aqueles objetos que se tornassem complicadores dos deslocamentos, o nomadismo contemporâneo seria constituído por lugares privilegiados de reunião de objetos nômades como telefones, fax, televisores, leitores de vídeo, computadores, fornos de microondas, entre outros. Na vivência dos deslocamentos cria-se um mundo que não contém apenas pessoas nômades, sujeitos móveis, mas também fazem parte deste universo, objetos móveis. Um mundo em que, na opinião de Ianni (1996), a distinção entre sujeitos e objetos tornar-se-ia estreita e eclipsada, na medida em que ambos se unem e se dispersam, em um campo informativo cada vez mais fluído. Com base nessas reflexões é possível deduzir que existem diferenças substantivas entre a compreensão nômade dos primórdios e a compreensão contemporânea da mesma expressão.

O nomadismo dos primórdios viveria na economia do dom e da permuta simbólica, uma quantidade fraca e sempre finita de bens bastaria para criar a riqueza geral, que seria passada constantemente de uns para outros, dentro do grupo. A riqueza não se basearia nos bens materiais, mas na permuta concreta entre pessoas. Por consequência, seria ilimitada. Enfoque nessa direção também se encontra nos escritos de Paz (1984), quando sustenta que, se para o primitivo os objetos eram descartáveis, sua noção de *tempo* também seria outra, pois para os antigos o agora repete o ontem. O passado é um arquétipo e o presente deve se ajustar a esse modelo imutável. Para Paz, o passado está sempre presente, já que retorna no rito e na *feira*. Pesando nessa direção, diz o autor que, assim, o passado defende a sociedade da mudança. O passado não seria o que passou e está encerrado, mas o que está presente, o que se tornou tradição.

O nômade primitivo foi substituído pelo sedentário, uma conquista decorrente da tecnologia agrícola, que veio a permitir outro tipo de cultura: a cultura do *lugar*, mais hierarquizada se comparada à sociedade nômade, cujas estruturas de poder seriam bem mais simples e a coerção menos diluída, pois ao líder seguiam-se os liderados, e bastava isto ao grupo. O deslocamento não foi abolido na sociedade sedentária, mas passou ter abrigo na palavra *viagem*.

Para Leed (1991), a palavra *viagem* manterá a carga simbólica e mitológica da ação que a originou, levando-a a transformar-se em metáfora utilizada para explicar transformações e transições vitais como a morte (*viagem sem retorno*) ou a vida (*jornada sobre a terra*), ou seja, para caracterizar diferentes *passagens*, a mesma palavra que, em português utiliza-se para caracterizar o que se paga pela viagem.

A *viagem*, ato de ir de um lugar a outro, é uma ação que faz parte do mundo contemporâneo. Os motivos para o deslocamento são os mais diversos, mas, fundamentalmente, as viagens turísticas ampliam-se de forma geométrica a diferentes contextos e lugares. Para estes viajantes a vida deixa de estar atrelada à lógica de lugar, para reger-se por novos paradigmas. A vida passa a ser o que acontece no território, ao longo do deslocamento, e não o que se dará quando a viagem finalmente terminar. Este enfoque coloca acento em que a viagem é um *continuum*, não pode nem deve ser vista como algo estanque no espaço e no tempo (GASTAL, 2005). Ianni (2000) diz que toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, dissolvendo-as ou recriando-as; projeta no espaço e no tempo um eu *nômade* e nessa travessia pode reafirmar tanto a identidade e a intolerância, como,

simultaneamente, a pluralidade e a tolerância. Logo, a possibilidade que se tem de viajar nos tempos atuais, de certa forma, resgata o lado *nômade* dos humanos. *Nômade* seria a palavra chave para definir modo de vida, estilo cultural e o consumo dos anos 2000. Os meios de transporte como o automóvel, o avião, o trem e o navio seriam os suportes pelo qual ocorre o nomadismo. Se o nomadismo da pré-história caracterizava-se pelo deslocamento em busca de caça, frutas e água, ou fuga do clima adverso, no mundo contemporâneo a mobilidade ganhou a conotação de lazer, no ir a algum lugar para desfrutar do tempo livre. O próprio crescimento das cidades passou a incentivar o comportamento nômade. Este crescimento leva as pessoas a estarem em constante movimento, como forma de fuga da agitação e das prisões da vida cotidiana ou justamente ao contrário, na busca da agitação quer na vida noturna, quer em outros momentos de lazer não passivo. Em síntese, o nomadismo seria um comportamento do ser humano com sentidos e significados próprios que variam no tempo e no espaço da civilização, caracterizados pela necessidade de deslocamento independente do objetivo ou finalidade (GASTAL, 2005).

Retomando a questão do *lugar*, a modernidade o consagrou como o “*locus*” onde se concretizariam a história e geografia, e ao qual estariam atreladas cultura e identidade – pessoal e coletiva local ou nacional, sendo estes territórios marcados por *signos* de lugar que incluem os monumentos, o traçado urbano, os jardins, as praças, a arquitetura, entre outros. Augé (1994) entende que o *lugar* seria o *locus* no tempo e no espaço, do acúmulo de experiências em forma de história e tradição, disfarçadas em segurança. O lugar, para este autor, é depositário da memória, que guarda acontecimentos (o que ocorreu), mitos (o dito) e a história (o registro), enquanto o nômade guardaria apenas o dito, nos seus mitos, cerimônias e narrativas. O não-lugar, por sua vez, seria o espaço de circulação do nômade, nestes termos, regido por outras lógicas que não a do sedentário. Esta confusão tem levado muitos teóricos a desqualificarem o não-lugar, ao ignorarem a sua especificidade de ajuste ao movimento e ao transitório dos seus usuários. É necessário olhar o não-lugar não com olhos de sedentário, mas com olhar de nômade.

Se para os organizadores, gestores e freqüentadores, a *festa* se dá como *lugar*. Território onde o tempo e o espaço se somam na construção da identidade, para produzir e reproduzir a cultura local, na forma de celebração. O espaço onde a festa ocorre engendra significados simbólicos, fruto da celebração, a tal ponto que quando a festa muda o lugar de realização, corre o risco de perder prestígio. Dito de outra forma, de perder sua *aura*.

O lugar onde ocorre a *festa* é o *lugar*, espaço mágico que costuma estar repleto de subjetividades. A celebração da festa costuma ser a indutora de deslocamento de *outras tantas pessoas*, que se deslocam para dela desfrutá-la.

Considerações provisórias

Se os sujeitos são diferentes nas suas motivações, necessidades e percepções espaço-temporais, *o que aproximaria visitantes e visitados?* Sem desconhecer que este poderá ser, e muitas vezes ou é, um espaço dos conflitos, a Festa, também se constitui na energia do *estar junto*. Antes de tudo, ela costuma ser um momento festivo para a comunidade onde se realiza espaço de celebração que, em muitos casos, atualiza o passado do grupo, trazendo para o presente, modos e costumes. Os exemplos seriam vários e presentes na maioria das festas temáticas com apelo cultural: as festas da Colônia, da Vindima, do Boi e similares, recorrentes em todo Brasil, esmeram-se em resgatar receitas tradicionais, coreografias, vestimentas. Esta atualização do mito de origem da comunidade transforma o espaço onde a Festa se instala em lugar, pois ali acumula e atualiza o conhecimento, os saberes e as experiências do grupo partícipe. Podemos dizer que, nestes termos, estar-se-ia lidando com um universo de fixos: o espaço, os objetos os modos de festejar são os próprios daquela comunidade.

Será esta mesma *tradição* que se alimentará sua qualidade de atrair visitantes, fazendo com que o turista – *nômade contemporâneo* – se desloque de outro lugar para desfrutá-la e participar de uma celebração que, entretanto, não atualiza o seu mito, mas o mito do outro. O foco do visitante e do turista é a festa como momento de abandono dos seus tempos e espaços rotineiros. Ele se deslocou para chegar até ela, ele se desloca por ela e ele se desloca para fora dela. Portanto, para este visitante a festa não será um (ponto) fixo, mas um fluxo de cultura, de experiências, de celebrações.

É evidente que tais deslocamentos geram ativos à economia local e regional, e a Festa nos tempos atuais passa ser uma diferenciada atração turística. Mas, antes disto, a Festa é um evento que se realiza num determinado tempo e espaço, e o espaço onde se realiza está marcado por uma série de significados relacionados ao mundo contemporâneo. O contexto

onde ocorre não existe apenas características que demarcam o local, mas uma série de outras questões que estabelecem e ressaltam a contemporaneidade.

O espaço da festa precisa estar adequado às demandas nômades, pois este, fora do seu lugar de vida cotidiana, irá necessitar de artefatos específicos que atendam suas necessidades. Por exemplo, o nômade dos tempos atuais porta telefone celular, necessita de um lugar para guardar seus volumes, casacos e outros acessórios que carrega, enquanto se diverte, pois, ao contrário dos seus ancestrais, que ao deambular abandonavam os objetos desnecessários, é próprio dos sujeitos contemporâneos, o acúmulo dos mesmos. Estes são alguns aspectos que deve ser levado em consideração quando se pensa a Festa, o público participante, o lugar onde vai ocorrer e a especificidade do evento. O que se quer dizer em outras palavras, é que até mesmo o cenário deve ser pensado e organizado de modo a satisfazer necessidades e exigências dos novos nômades urbano. Outro elemento a ser levado em consideração é que o espaço em que se realiza a Festa, já que terá um cenário montado, preparado e decorado para tal, acaba sendo um espaço desterritorializado, ou mesmo, extraterritorializado, como denominou Ribeiro (2002), pois o espaço costuma estar caracterizado para o evento, e este não é parte da vida cotidiana normal da comunidade.

Em síntese, as relações e as interações que o ambiente da Festa promove entre os que dela participam se caracterizam como uma experiência nômade, com tempo e espaço demarcados e determinados. A Festa sempre fez parte dos agrupamentos humanos, da vida em sociedade, pois através dela se celebra e confraterniza. No mundo contemporâneo a Festa costuma proporcionar momento singular de descontração e divertimento. A Festa é marca do presente, faz parte do passado e vislumbra o futuro, porque o ser humano está constantemente em busca da felicidade. Finalmente, como se procurou demonstrar, a Festa como espaço nômade, lugar aonde pessoas provenientes de diferentes lugares vão à busca de divertimento, do novo, do diferente, de tal modo que, aquele que desfruta de uma Festa nunca será o mesmo que dela regressa.

Referências

- AMARAL, R. de C. **Festa à brasileira**: sentidos do festejar no país que “não é sério”. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/festas.html>. Acesso em 23 out. 2006.
- AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 10. ed. atual. São Paulo: Senac, 2004.
- GASTAL, S. Nomadismo e turismo: viagem como vida no espaço. In: TRIGO, L. G. G. **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- CLAVAL, P. **A geografia da cultura**. Florianópolis: UFSC, 1999.
- CROWHRST, S.; LENNARD, H. L. **Livable Cities Observed**. Califórnia, USA: Gondolier Press, 1995.
- FEATHERSTONE, M. **O desmanche da cultura**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- GAZONI, J.L. **Desenvolvimento Turístico no Trecho Sul da Costa Capixaba**: uma proposta metodológica. Revista Turismo, Cidade Internet, parte 1, Novembro, 2004. Disponível em: <http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/artigos/trechosulcapixaba.html>. Acesso em 10 out. 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- IANNI, O. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. ps.117. p. 11-31: A metáfora das viagens.
- LEED, E. J. **The mind of the traveler: from the Gilgamesh to global tourism**. Estados Unidos/sl: Basic Books, 1991.
- MAFFESOLI, M. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. São Paulo:Record, 2001.
- MELÉNDEZ, L. A. revitalización de la cultura a través del turismo: las fiestas tradicionales como recurso del turismo cultural. **Revista Turismo em Análise**. São Paulo: Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo – Escola de Comunicação e Artes/USP, v. 12, n. 2, p. 43-59, nov. 2001.
- NEGRINE, A.; BRADACZ, L. **Cultura, lazer e turismo**: a Festa da Colônia de Gramado/RS 1985-2006. Porto Alegre: EST Edições, 2006.
- PAZ, O. **Os filhos do barro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- RIBEIRO, C. M. P. J. **Festa e identidade**: como se faz a festa da uva. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- SANTOS, R. I. C. dos. Conhecimento, conscientização e preservação de patrimônio cultural para a prática do turismo. **Turismo: Visão e Ação**. Itajaí: Editora UNIVALI, ano 4, n. 8, p. 111-116, abr/set. 2001.